«Imagens de uma revolução»

Os murais de Maputo, agora em livro de arte

SOL DE CARVALHO ENTREVISTA O AUTOR

Dom. 8/7/84

Maputo é uma capital caracterizada por inúmeras pinturas de parede, quer de iniciativa popular, quer pintadas por mãos profissionais. O tema foi abordado num livro ilustrado da autoria de Albie Sachs, cuja edição moçambicana se espera que seja posta à venda ainda esta semana. O que se segue é uma entrevista com o autor sobre os murais e a respeito do livro, cujo título é «Imagens de uma revolução».

— Os murais de Maputo estão por toda a cidade, podem ser vistos por qualquer pessoa. Porquê, então, fazer um livro sobre os murais?

— Bom, se os murais fossem móveis, possivelmente não seria necessário fazer uma «imagem das imagens». Mas, pela sua própria natureza, os murais não podem viajar e o livro é uma das maneiras de comunicar ao mundo uma coisa tão bela.

— Porquê, primeiro uma edição em Zimbabwe?

— Foi uma razão de custos. Livros de arte, feitos em quadricomia (uso de cores), precisam de um grande investimento em divisas. Actualmente, os livros de arte são quase sempre editados internacionalmente. Nós conseguimos compartilhar as despesas com Zimbabwe Publishing House, numa perspectiva de colaboração regional. Além disso, com a edição moçambicana pudemos aproveitar do melhor que foi feito na anterior e aumentar a sua qualidade.

As duas edições completam-se. São línguas diferentes que atingem mercados diferentes. Gostariamos de ter edições em mais línguas. Foi uma primeira experiência de uma edição em duas línguas com o concurso de dois países e o resultado foi muito positivo.

— O texto dá-nos muitas informações sobre os murais, nomeadamente sobre os seus autores. Qual foi a ideia que presidiu à sua feitura?

— Bom, o aspecto mais interessante era penetrar no jogo colectividade/anonimato dos murais. Uma obra colectiva é sempre feita por pessoas concretas que trabalham estruturadas.

Eu pensei que era positivo indicar o modo com um colectivo de pessoas pode conseguir produzir coisas concretas, trabalhando com qualidade, mas ao mesmo tempo reconhecer e prestigiar o trabalho de cada um. Acho isso preferível a contribuir para uma mistificação do trabalho colectivo.

— Albie sabia que se, no tempo colonial, alguém pintasse uma parede, apanhava uma multa de Câmara Municipal?

— Não sabia, mas não é surpresa, embora ainda se note de Maputo que as paredes foram muito utilizadas para a publicidade comercial, da coca-cola e outros.

Mas voltando ao que ia a dizer: Quando eu cheguei a Moçambique, em 1976, as ruas estavam cheias de pinturas e slogans e também de jornais do povo espontaneamente colocados. Eu penso que essa é a origem dos murais que foram depois executados profissionalmente. Mas, esse movimento popular surpreendeu-me enormemente.

Em resumo: Há pinturas de parede de fraca qualidade mas que têm valor porque reflectem uma participação directa do povo. Mas há também os outros murais, executados por mãos profissionais e, em geral, esses murais de Maputo são de elevada qualidade artística.

Um dos incentivos para a publicação do livro foi o de mostrar como a arte moçambicana, cheia de personalidade local, estava através dos murais, a enriquecer o património universal das artes plásticas.

Há os que querem aprisionar a arte africana a um primitivismo. Também há os que afirmam que a arte revolucionária é simplesmente sloganizada. Eu não sou contra os slogans, depende da sua mensagem e da sua qualidade. Há arte religiosa de alta qualidade, aceite como tal universalmente, mesmo pelos que não são religiosos.

Eu penso que o valor da arte mural moçambicana é que mesmo os que não aceitam necessariamente a sua mensagem política, respondem à sua vivacidade, brilhantismo e humanismo, em suma, reconhecem a sua elevada qualidade.

ALBIE SACHS

Há que fazer um tributo às estruturas responsáveis por não terem exigido obras simplistas e sloganizadas. Há uma grande variedade de estilos e emoções. Há triunfo, mas não é arte triunfalista. Reflecte tristeza, humor, amor, violência e até mesmo uma certa poesia inerente ao próprio processo revolucionário.

— Parece que esse movimento está parado. Acha que sim?

— Um receio que tive ao escrever o livro era de criar um monumento a algo que já estivesse morto. Mas, felizmente, a arte mural está a conhecer um novo impulso. Há pelo menos dois projectos em curso, um no porto e outro na praça do Destacamento Feminino e que pode vir a ser espectacular.

O problema é mais de falta de condições, nomeadamente as tintas, do que falta de iniciativa.

Ao mesmo tempo, é necessário, pensar na conservação dos bons murais que já existem. Mesmo que não seja possível fazer em todos, acho que se deveriam encontrar formas de conservação de longa duração, nomeadamente atrás dos ladrilhos, mosaicos ou azulejos. Se tal não for possível, é pelo menos necessário repintar alguns cujas cores e paredes estão a ficar deterioradas.

Olhando para o futuro, eu gostaria que fossem estudadas outras formas de arte pública, usando neons, lâmpadas, tintas fluorescentes, etc. ■